

CONTINUA A DESCONHECER-SE O PARADEIRO DE FRANCISCO MIGUEL E JÚLIO FOGAÇA, TAMBÉM AS VIDAS DE CÂNDIDA VENTURA E ANTÔNIO GERVÁSIO ESTÃO EM PERIGO

SALVEMO-LOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Horas sombrias para Portugal

A POLÍTICA COLONIAL DO GOVERNO DE SALAZAR ESTÁ ERRADA

Deve reconhecer-se aos povos coloniais o direito à autodeterminação

«Que todos os povos do Globo oíçam as nossas palavras; todos nós vivemos num único planeta. Neste planeta nascemos, trabalhamos, educamos os nossos filhos e lhes transmitimos tudo o que temos realizado na vida».

Estas palavras que iniciam a histórica Declaração proposta pela União Soviética na Assembleia da ONU representam uma condenação decisiva do sistema de opressão colonial. É a esta luz que é preciso considerar a política colonialista de Salazar e a situação dos povos dominados pelo colonialismo português.

Ignorância mais profunda, esbulhamento dos mínimos direitos e liberdades, dizimados por uma exploração desenfreada em benefício dum grupo de roceiros e monopolistas.

Estes milhões de seres humanos exigem a sua libertação, eles têm de ser libertados quanto antes, pois a época do colonialismo está ultrapassada.

Mas o governo de Salazar vem demonstrando dia a dia que não tem qualquer resposta positiva a dar a esta nova situação histórica. As sentidas reivindicações de liberdade e independência dos povos

coloniais, Salazar responde com a mais sangrenta repressão, com o agravamento da exploração colonial, com o apertar das algemas da opressão colonialista.

Os massacres dos povos de S. Tomé, Goa, Bissau, Timor, Niassa, Sotelo Bengo, Cabinda, fiação assinalados na história sangrenta do colonialismo português, como a mais severa condenação do seu domínio imperialista.

A continuação desta política envergonha a consciência nacional e enche de descrédito o país aos olhos dos outros povos.

Não é com palestreio que se alteram as realidades

Os serventários do colonialismo português, os que estão interessados em manter a exploração e opressão dos povos coloniais procurando alterar os factos sob uma fraseologia mentirosa.

A grande imprensa, ligada dum forma ou doutra aos grandes colonialistas, os representantes de Salazar na ONU e os fabricantes das manifestações «espontâneas», são abundantes neste palestreio mistificador. Eles falam em «ausen-

(continua no 6.º pág.º)

Vergonha e descrédito para Portugal

Da tribuna da Assembleia da ONU, os representantes dos países socialistas, dos neutralistas e das jovens nações africanas, fugitaram as misérias do colonialismo português e ridicularizaram os estafados argumentos com que os representantes de Salazar tentaram defender a podridão da política colonial do fascismo português.

Por detrás da fraseologia patriótica dos salazaristas, que procuram inverter os factos, toda a gente vê a realidade cruel: na África e na Ásia 12 milhões de homens e mulheres das colónias portuguesas são submetidos à mais dura escravidão, mantidos na miséria e na

UMA GRANDE JORNADA NACIONAL DE LUTA CONTRA O SALAZARISMO

ENFRENTOANDO A BRUTAL REPRESSÃO DO GOVERNO

MILHARES DE PORTUGUESES COMEMORAM O 5 DE OUTUBRO

As comemorações do Cinquentenário da República, constituíram uma verdadeira jornada nacional de luta contra o regime salazarista.

Apesar da mordacida posta à imprensa republicana para abafar no silêncio os preparativos da oposição democrática, apesar das manobras fascistas para desmatar o carácter das comemorações e castigar as acções de massas, apesar do aparato bélico e da repressão brutal, muitos os manifestantes populares, muitos milhares de por-

tugueses de todas as condições sociais, num elevado espírito de unidade, manifestaram, das formas mais diversas os seus sentimentos anti-salazaristas e a sua firme disposição de luta contra o regime.

Os fascistas rasgam a bandeira nacional

Em Lisboa, milhares de pessoas, apesar das proibições e da repressão brutal das autoridades, comemoraram o Cinquentenário da República. Foi organizada uma romagem aos túmulos dos mortos da República, no cemitério do Alto de S. João e em seguida num desfile até à Praça do Município e ruas da Baixa tudo sob as cargas brutais das forças repressivas.

No Alto de S. João, a PIDE e a PSP, depois de terem ordenado a suspensão de todos os transportes colectivos e desviado o trânsito desde a Avenida Almirante Reis, tentaram por todos os meios impedir o agrupamento e o desfile dos manifestantes. Os portões do cemitério foram encerrados e depois abertos e feita a saída em conta-gotas.

Assim mesmo, os que puderam penetrar no cemitério encheram de flores os túmulos de republicanos ilustres, fizeram minutos de silêncio em sua homenagem e entoaram em coro o hino nacional. Destacados democratas, como o Professor Azevedo Gomes foram impedidos de discursar pela PIDE. Foi ainda com as estrofas da «Portuguesa» nos lábios e aos gritos de «Liberdade!» «Amnistia!» «Democracia!» que milhares de manifestantes desfilaram até à Baixa, enfrentando as cargas brutais das forças repressivas. Jovens estudantes, bra-

ço com braço, arrostavam os ataques da polícia.

Nua rua Soares, na Avenida Almirante Reis, Praça do Município e Largo do Rossio a PIDE, PSP e GNR armados de capacetes e bombas de gás atacaram os manifestantes muitos dos quais tiveram de receber tratamento nos hospitais. Várias prisões foram feitas, entre elas a do democrata Dr. Mário Soares por ter protestado contra a repressão.

Em pleno Rossio, onde a repressão foi mais brutal, a ferocidade das forças repressivas concentrou-se sobre o jovem porta-bandeira da manifestação. O jovem foi espinhalado e espancado e a bandeira nacional arrancada e rasgada pelos fascistas.

O povo de Lisboa mostrou mais uma vez o seu desamor pelo regime e os seus sentimentos democráticos.

Na cidade do 31 de Janeiro, as massas populares exaltam a Democracia e a Liberdade

Também no Porto, tiveram lugar importantes manifestações populares. Logo de manhã, apesar da forte concentração policial, centenas de jovens se dirigiram em romagem, ao cemitério do Prado do Repouso. Aqui as forças repressivas impediram o acesso ao cemitério e atacaram os manifestantes com jactos de água. As 15 horas centenas de democratas concentraram-se na Praça da Liberdade e iniciaram o desfile para o Prado do Repouso que agrupou mais de 4 mil pessoas.

(continua no 2.º pág.º)

VIVA O 43.º ANIVERSÁRIO DA GRANDE REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Acaba de passar mais um aniversário da grande revolução socialista de Outubro que abriu uma nova era à toda a humanidade. O proletariado e os restantes trabalhadores de Portugal, a intelectualidade progressista e todos os que amam a liberdade e a paz no nosso país, sabem que esta glória na vida do povo russo e de todos os humilhados e oprimidos da terra.

As comemorações do 7 de Novembro realizam-se em todo o país a iniciativa da grande batalha pela Paz mundial travada por iniciativa da União Soviética e dos países do campo socialista assim como das utóricas declarações de paz soviéticas nos domínios do bem estar material, da cultura, da ciência e da técnica. O Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética uma calorosa saudação de que transcrevemos a seguir os seguintes passos:

(...)
«Queridos comradeiros:
«Nós saudamos calorosamente as grandes vitórias do povo soviético que foram decisivas para as alterações da balança de forças mundiais a favor da Paz.
«O Partido Comunista e o Governo soviéticos, soberam continuar de uma maneira criadora a política leninista de coexistência pacífica, soberam analisar com justiça e actual correlação de forças no mundo e tomar resolutamente a iniciativa na grande batalha da Paz que presentemente travam as forças progressistas e pacíficas de todo o mundo. (...)

«A política agressiva dos belicistas americanos mostra que a defesa da Paz é a tarefa primordial da hora presente. Pela primeira vez na história surgiu, porém, a possibilidade real de evitar a guerra. Tal possibilidade deriva da força e da unidade do campo socialista, da sua superioridade em relação ao campo capitalista, da força e da unidade do movimento comunista e operário mundial, do desmoronamento do sistema de dominação colonial e da firme disposição dos povos de defenderem a causa da Paz (...)

«A Paz está ao alcance dos povos. Apesar da tensão internacional, a política de coexistência pacífica entre estados do regime social diferente continuará e acabará por triunfar. (...)

«O povo soviético está altamente interessado na defesa da Paz e na eliminação da ameaça da guerra. Salazar, Iscário de Washington, prepara-se para marginalizar o país numa guerra colonial. Tudo faz para amarrar Portugal à política dos belicistas americanos. Transformar os ensinos de Paz do nosso povo em acções concretas em defesa da Paz é uma das tarefas mais prementes e necessárias do Partido Comunista Português.
«Nós, comunistas portugueses, saudamos com calor a luta intransigente da União Soviética contra os restos do odioso sistema colonial, assim como a sua ajuda fraternal aos povos que se libertaram ou desejam libertar-se de escravidão colonialista».

(continua no 6.º pág.)

AS COMEMORAÇÕES DO 5 DE OUTUBRO

(continuação da 1.ª pág.)

De novo as forças repressivas atacaram os manifestantes que entoavam o hino nacional e soltavam gritos de «Liberdade» «Amnistia» «República!» apenas 30 pessoas conseguiram penetrar no cemitério e aí homenagearam os mortos da República. Entoando as estrofes do hino nacional os manifestantes, sempre sob os jactos de água das forças repressivas, dirigiram-se para a Praça de S. Lázaro, onde os cânticos abafaram os sons da banda da PSP, e daqui até a Praça da Alegria onde uma forte barragem policial com capacetes de aço e metralhadoras desfizeram a manifestação.

Entretanto, mais de 500 pessoas prestaram homenagem ao prestígio democrata Dr. António Luís Gomes, único sobrevivente do governo provisório da República. O insigne democrata, agradecendo a homenagem, num apelo vibrante, pediu aos democratas que esquecessem querelas e questões do passado e se unissem no interesse da Pátria. O povo da capital do Norte mostrou, de novo, que o seu amor à Democracia e à Liberdade continua vivo e que o seu espírito de lutas tantas vezes evidenciado permanece acessível e firme.

Portugal não está com Salazar

Noutros pontos do país as massas populares afirmaram com vigor os seus sentimentos anti-salazaristas. Nas cidades de Braga, Aveiro, Guimarães, Coimbra, Viseu, Sevilha e outras, os democratas manifestaram-se das mais diversas maneiras, apesar da proibição terminante das autoridades fascistas. Em Guimarães os manifestantes foram impedidos de entrar no cemitério local por uma força da GNR armada de metralhadoras. Na localidade ribatejana de Couço, onde a população tem dado provas do seu amor à Democracia, cerca de 3.000 pessoas fizeram romagens aos cemitérios do Couço e Santa Justa. Enfrentando uma força da GNR armada de metralhadoras, os manifestantes populares, aos vivas à Liberdade, à República e à Democracia, gritando «Amnistia! Amnistia!» e cantando a «Portuguesa», desfilarão pela localidade agitando centenas de bandeiras nacionais. O comandante da força da GNR impediu que os manifestantes entrassem no cemitério de Santa Justa à porta do qual fizeram um minuto de silêncio.

No Barreiro, muitas dezenas de democratas concentraram-se junto da casa do velho republicano José Augusto Quedes e aí, no meio de vivas à Democracia e à República e aos gritos de «Pora Salazar!» «Abalo o fascismo!» «Amnistia!» manifestaram o seu democratismo. Entretanto, uma força de mais de 50 guardas da GNR, de armas apertadas penetraram na casa e prenderam 50 pessoas, libertando quase todas mais tarde depois de interrogadas pela PIDE e mantendo a prisão de 5 entre as quais os democratas Manuel Cabanas e Artur Tavares.

Em Alameda, duas manifestações, uma de manhã outra à tarde, e com 300 e 400 pessoas respectivamente fizeram romagens à casa onde

nascu Elias Garcia. Numa romagem ao cemitério local onde puseram flores na campa do falecido democrata e dirigente do P.C.P., Dr. Alberto de Araújo, os manifestantes entoaram em coro o hino nacional.

Em Alpiarça, onde o governador civil proibiu a romagem e sessão projectadas, cerca de 150 democratas de quase todo o distrito de Santarém renniram-se num jantar comemorativo e aí se manifestaram a favor das liberdades democráticas e da Amnistia.

Em Torres Vedras, Grândola, Marinha Grande, Vila Franca, Alcanena, Torres Novas, Gaia Matosinhos, S. João da Madeira, Alenquer, Alcorroge, e outras tiveram lugar jantares comemorativos, romagens e outras manifestações democráticas.

Em todas as localidades citadas e em muitas outras houve alvada de foguetes e morteiros, em muitas foram recolhidas centenas de assinaturas ou votadas moções reclamando a Amnistia aos presos políticos, foram organizadas comissões concelhas e locais com vistas às próximas eleições e para o recenseamento eleitoral, noutras ainda as bandas percorreram as ruas tocando o hino nacional acompanhadas do povo.

Pode-se dizer que estas importantes manifestações populares mostraram mais uma vez que Portugal não está com Salazar.

A unidade dos Democratas reforçou-se, o governo ficou isolado

O governo fascista tentou lançar a confusão entre as massas tentando chamar a si a iniciativa das comemorações para lhe falsear o carácter, constituindo uma pseudo-comissão nacional para impedir a organização de comissões oposicionistas.

A escolha para a «comissão» oficial do ultra-colonialista Sarmiento Rodrigues, dos fascistas Ricardo Durão, Bissau Barreto e Urbano Rodrigues de «democratas» como o Dr. Hernani Cidade; os apelos à «unidade» para a «deusa» do «Ultrapar português»; a farsa representada na Sociedade de Geografia, mostram claramente os objectivos que o governo teve em vista com as suas manobras — dividir a oposição, justificar as proibições e a repressão contra os democratas.

Pode-se dizer que tais manobras fascistas foram completamente desbaratadas.

O carácter anti-fascista desta grande jornada a flutista inequívoca de milhares e milhares de portugueses que exteriorizaram os seus sentimentos anti-salazaristas, o desejo de unidade revelado pelas forças da oposição, fizeram que os esforços dos governantes não surtissem o efeito por eles desejado e acentuaram o seu isolamento político dentro da nação.

A unidade oposicionista reforçou-se e o governo ficou isolado. Esta conclusão política fundamental das comemorações do Cinquentenário da República é essencial para preparar, organizar e mobilizar os democratas portugueses com vistas às próximas jornadas.

«Nós e vós», não! «Todos!»

O desejo de unidade das massas populares; as desasombradas palavras de destacados e autorizados democratas que deploraram a falta de unidade das forças oposicionistas; os perigos e ameaças que rodeiam a paz e a segurança dos portugueses; os dias difíceis que se avizinhavam para o nosso povo em consequência da política traída do governo de Salazar, reclamam imperiosamente a união de esforços de todos os oposicionistas e a organização e mobilização de todos os portugueses anti-salazaristas.

«Só a política de união nos deu a vitória. Divididos fazemos a política dos nossos inimigos» — disse Bernardino Machado em 1921. Urge, de facto, «esquecer as querelas e questões do passado», valorizar tudo o que une actualmente as forças opostas a Salazar e criar, sem reservas e discriminações, a armadura democrática que pode assegurar no nosso país uma rápida mudança na situação política nacional.

Os apelos para a comemoração do Cinquentenário da República publicados por diversas comissões democráticas e assinados por centenas de democratas de todas as tendências e o amplo carácter de

unidades das comemorações foram um passo importante para a frente única das forças anti-salazaristas e a mobilização das massas populares.

Não tem, pois, razão o democrata, que como «protesto» contra a proibição das autoridades fascistas no 5 de Outubro, levou vários dos seus contrários a abster-se das comemorações, não tem ainda razão aqueles destacados democratas que referindo-se a outros correligionários diziam «nós e vós». Somos todos os que desejamos o derrubamento de Salazar que devemos conjugar as nossas forças, dinamizar e organizar as massas populares e preparar novas e grandes jornadas de unidade que criem as condições para libertar Portugal da praga salazarista.

Seria tremendamente nefasto ao país deixar que perspectivas tão prometedoras como as das próximas eleições para deputados fossem perdidas pela desorganização e desunidade das forças oposicionistas.

O regime de Salazar, porque oprime e algeia a nação, é um regime condenado. Que todos os democratas se dêem fortemente as mãos sem olhar à cor política de quem as estende e sem dúvida aproximaremos a hora da libertação do nosso povo.

15.º ANIVERSÁRIO

DA FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL

Foi em Outubro de 1943, logo após o fim da segunda guerra mundial, que reunindo-se em Paris, os representantes sindicais de 52 países resolveram criar uma organização internacional dos trabalhadores, a Federação Sindical Mundial, que coordenasse a acção de todos os Sindicatos que a ela quisessem aderir, prestasse a solidariedade aos trabalhadores em luta de qualquer país, lutasse pela defesa da paz e pelas reivindicações mais sentidas de todos os explorados e oprimidos. Assim nasceu a poderosa F.S.M. à qual logo aderiram sindicatos em que estavam filiados 65 milhões de homens e mulheres das mais diversas ideologias políticas, raças e credos religiosos.

Durante os 15 anos posteriores da sua existência, devido à incansável luta que tem conduzido em defesa dos trabalhadores, a ela aderiram mais 40 milhões de operários e empregados. A F.S.M. conta hoje 105 milhões de aderentes e, sem dúvida, a mais numerosa e potente organização de trabalhadores que jamais existiu.

Neste momento, segundo Louis Saillant, Secretário geral da F.S.M., «as actividades da F.S.M. desenvolvem-se em diversas frentes que poderiam ser assim caracterizadas:

a) frente mundial da luta pela paz, pelos direitos democráticos e pela independência dos povos;

b) frente reivindicativa nas questões económicas e sociais.» Os sindicatos portugueses não mantêm relações com a F.S.M. porque a legislação fascista os obriga a «não manter relações com organismos de carácter internacional, seja qual for a sua ideologia ou finalidade». Naturalmente que tal imposição fascista acarreta grandes

prejuízos aos trabalhadores portugueses. Porém, apesar de todas as barreiras e dificuldades criadas pelo governo, a F.S.M. tem ajudado os trabalhadores portugueses, moral, política e economicamente. Logo em 1948, na sua sessão de Roma, o Comité Executivo da F.S.M. aprovou uma moção condenando a inexistência de liberdades sindicais em Portugal, e resolveu levar tal situação ao conhecimento da O.N.U. A quando das greves, dos salinheiros de Alcochete, em 1957 dos pescadores de Matosinhos, em 1958, e da recente greve dos mineiros de Aljustrel, a F.S.M. ajudou os operários portugueses, quer enviando-lhes dinheiro, quer dando a conhecer ao Mundo as suas lutas, quer protestando contra as prisões então efectuadas pela P.I.D.E. A sua acção se deve em grande parte o terem sido rapidamente postos em liberdade os mineiros de Aljustrel.

Por tudo isto, o porta voz da classe operária portuguesa que a censura salazarista não consegue amordacar, o «Avante!», saúda a gloriosa F.S.M. desejando-lhe êxitos sempre maiores na sua actividade.

OÏÇA A RÁDIO!

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 21 às 21.30 horas, ondas de 41 e 49 metros; das 21.30 às 22 horas em 31, 41 e 49 metros.

PRAGA: Diariamente, em português, das 18.30 às 19 h. e das 23.30 às 24 h. em 16, 19 e 25 metros; em ondas médias, em 233 metros.

Rádio Pirinica

Transmite todos os dias, em espanhol, nas ondas de 37, 39 e 43 metros, das 7 às 7.30 da manhã, e das 17.30 às 24 horas com um curto intervalo de 2 minutos em cada meia hora.

A VIDA E A LUTA DOS TRABALHADORES



TRABALHO OU PÃO

Couço: os trabalhadores desempregados têm-se concentrado na Casa do Povo, umas vezes em grupos de 100, outras de 70 e outras de 150. Na última destas concentrações, quando já eram 17 horas e o Presidente queria fechar a porta da Casa do Povo, os trabalhadores não consentiram enquanto não fosse resolvida a sua situação. Perante a sua decisão e firme-

za, o Presidente teve que telefonar para Coruche e de lá disseram que a situação se iria resolver rapidamente. Entretanto os trabalhadores continuaram na Casa do Povo à espera da prometida solução. Passado algum tempo apareceu o cabo da GNR, mas os trabalhadores não se intimidaram e disseram-lhe que necessitavam de trabalho, que se não lhes arranjassem trabalho fariam uma concentração em massa com as mulheres e os filhos, e depois iriam buscar o comer onde o houvesse. No dia seguinte todos os desempregados foram distribuídos por vários trabalhos com jornadas de 18 a 20500. Os valentes operários agrícolas do Couço pensam agora lutar por melhores jornadas.

Montargil: Elevado número de trabalhadores desempregados fizeram uma concentração na Casa do Povo exigindo trabalho ou pão. Depois foram ao posto da GNR exigir o mesmo. O comandante do posto disse-lhes que iria resolver rapidamente a sua situação.

Coruche: Os operários agrícolas que estavam desempregados concentraram-se na Casa do Povo exigindo trabalho. Depois foram ao posto da GNR e expuseram a sua situação ao alferes. Este distribuiu todos os desempregados pelos lavradores, com a jornada de 20500.

Avis: 21 trabalhadores que estavam desempregados concentraram-se na Casa do Povo e exigiram trabalho. Em seguida foram à Câmara e expuseram ao Presidente a sua situação. Este mandou-os trabalhar para uma estrada a 20500 por dia. Como a estrada ficasse distante, os trabalhadores disseram que precisavam de transporte de manhã e à tarde. O Presidente quis esquivar-se, mas perante a firmeza dos trabalhadores teve de ceder.

Alcórrego: 23 trabalhadores desempregados depois de irem à Casa do Povo, foram à Câmara de Avis exigir trabalho ou pão. Houve discussão com o Presidente da Câmara e este foi obrigado a arranjar trabalho para todos na estrada de Figueira de Barros.

Pias: 250 trabalhadores concentraram-se na Casa do Povo a exigirem trabalho. Como aí não conseguissem nada, foram falar com o Presidente da Junta de Freguesia que lhes disse que dentro de dias resolveria a sua situação. Porém a fome não espera. Por isso os trabalhadores de Pias, e todos os trabalhadores em idênticas circunstâncias, devem forçar as autoridades a dar-lhes trabalho ou pão.

LUTA DOS OPERÁRIOS DA RANKIN

Em consequência da acção dos operários da Rankin que enviaram uma carta à gerência a pedir um aumento geral de 5500, todos os trabalhadores não especializados foram aumentados em 3540.

Contudo, este aumento não satisfaz os operários da Rankin e, por isso, eles devem continuar a sua luta.

Os operários da construção civil lutam e vencem

Almada: Numa obra em Corroios (construção duma fábrica de cortiça) os serventes combinaram pedir 32500 e para isso foram falar com o mestre de obras. Este telefonou para a direcção da empresa, dizendo depois que o aumento ia ser estudado. Mas os serventes responderam-lhe que se o aumento não lhes fosse garantido imediatamente largariam o trabalho. Novo telefonema e veio o aumento reclamado.

Um dos empreiteiros que estão a fazer prédios no Bairro do Pragal despediu quase todos os serventes. Quando fez o pagamento eram 18 horas e como a lei estabelece que em tais casos o pagamento e aviso de despedimento tem que ser feito até às 16 horas, os serventes protestaram e obrigaram-no a pagar até às 18.

Numa outra obra do mesmo bairro, o patrão e o encarregado costumavam às 17 horas ter uma grande quantidade da massa para os serventes carregarem. Certo dia os serventes, descontentes por trabalharem depois das 17 e um quarto, e como ainda tivessem 3 ou 4 betoneiras de massa para levar para os caboculos, recusaram-se a fazê-lo, apesar dos rogos e ameaças do encarregado. No dia seguinte o encarregado deixou de fazer o que fazia antes.

Ainda noutra obra do mesmo bairro em que os serventes ganhavam 32500, o patrão quis baixar para os 28500, mas os serventes recusaram-se a pegar por menos de 30500.

Operários da Construção civil: Formas comissões de unidade em todas as obras. Discuti e organizai as vossas lutas, único meio de resistirdes à ofensiva patronal e conquistardes algumas regalias.

CONTRA OS DESPEDIMENTOS NOS ESTALEIROS DA CUF

Como no último número noticiámos, tinham sido despedidos 75 operários dos estaleiros da CUF. Porém, 20 destes operários resolveram não aceitar tal facto; foram reclamar junto do engenheiro e procuraram falar com o administrador Manuel de Melo. Em consequência da sua luta, não só foram readmitidos como lhes foram pagos os dias que estiveram sem trabalhar.

A altitude destes aguerridos operários é um belo exemplo de como pela luta e só pela luta conseguimos fazer respeitar os nossos direitos. Que os 55 operários ainda não readmitidos lutem unidos pela sua readmissão. Que todos os trabalhadores da CUF, sobre os quais continua a pesar a grave ameaça de despedimentos, se solidarizem e apoiem a luta de todos os operários despedidos.

A exploração dos operários da C.N.N.

A Companhia Nacional de Navegação é uma empresa capitalista poderosa e que disfruta de sólida situação financeira, como o atestam os mais de 27 mil contos de lucros obtidos em 1958 e a encomenda do «Príncipe Perfeito», que custa 450 mil contos. Pois mesmo assim tem ao seu serviço algumas centenas de operários que não têm quaisquer direitos e que nem sequer beneficiam das magras regalias gerais que os restantes operários desta empresa têm.

Aqueles operários são considerados «eventuais», e não se julga que são assim classificados por prestarem serviço na empresa há pouco tempo, pois muitos deles (são mesmo a grande maioria) ali trabalham há muitos anos.

Na última semana de Setembro e a semelhança do que é usual, a Administração, alegando falta de trabalho, suspendeu à volta de 300 operários que se encontram nas condições referidas.

Isto significa que além da explo-

ração própria do sistema capitalista, estes defensores da «civilização ocidental» e «cristã» (e da ditadura fascista de Salazar, já se vê) submetem os seus operários a uma dupla e refinada exploração: —havendo muito trabalho obrigam os operários a ritmos infernais; havendo pouco, ainda que este afrouxamento seja só por uma semana, mandam-nos para a rua.

É claro, depois vem o Natal e os Correias de Barros & C.ª para não desmentirem totalmente o seu «cristianismo» e para se candidatarem a comandadores «do» uma semana de «broas» e ficam novamente com as «consciências» tranquilas para voltarem ao princípio.

Os operários da C.N. Navegação e das outras empresas de construções navais devem meditar nesta situação e juntarem-se para discutir as medidas e as formas capazes de, através da luta unida, defenderem os seus interesses e ainda o pão dos seus filhos.

NOS ESTALEIROS DE VIANA OS OPERÁRIOS CONQUISTAM AUMENTO DE SALÁRIOS

Nos estaleiros navais de Viana do Castelo, em consequência da luta que os operários vinham travando, a gerência viu-se forçada a conceder um aumento geral de salários que oscila entre os 10

e 15%. Para impedir que a luta se desenvolvesse, a gerência deu o aumento antes de os operários lhe entregarem a exposição em que o reclamavam. Contudo, como o aumento concedido não corresponde às necessidades e desejos dos operários, estes continuam descontentes.

Operários dos Estaleiros de Viana: o aumento que já obtivestes mostra que a luta é o único caminho da vitória. Continuando a vossa luta unidos e organizados atingireis o vosso objectivo.

NA CRISAL DE ALCO-BAÇA AUMENTO DE SALÁRIOS DEVIDO À LUTA

Os oficiais e ajudantes desta empresa viedreira foram junto do patrão reclamar um aumento de salário acima do contrato, o qual estabelece salários inferiores aos que eles já ganhavam. O patrão recusou inicialmente, mas face ao descontentamento dos operários foi forçado a dar o aumento, ficando os oficiais a ganhar 85500 e 805 e os ajudantes o correspondente a 50%, dos oficiais, como estabelece o contrato colectivo.

A SEMANA INGLESA EM TORRES VEDRAS

Somando-se ao êxito conseguido pelo pessoal dos Stands, de que demos notícia no «Avante!» de Agosto, os operários das oficinas das diversas empresas de camionagem desta localidade, conseguiram finalmente a «semana inglesa» por que vinham lutando. Conseguiram igualmente esta regalia os operários da maioria das oficinas de mecânica e de recauchutagem.

LUTA DOS BANCÁRIOS DO PORTO

Os empregados bancários do Porto entregaram ao seu sindicato um abaixo assinado com cerca de 400 assinaturas para que o médico não fosse substituído por um outro que não é do agrado da classe.

Bancários: se continuardes unidos e firmes o vosso médico não será substituído!

VAMOS TER UM INVERNO DE MISÉRIA

«A FOME ENTROU JÁ EM MUITOS LARES»

Montemor-o-Velho, 22: A situação dos homens que trabalham a terra é aflição. «A fome entrou já em muitos lares».

Se os jornais quizessem e pudessem reflectir a situação em que vive o nosso povo teriam de publicar diariamente notícias como esta que o próprio jornal reaccionário, «O Século», publicou no dia 23 do corrente sob o título: «A FOME conquista uma das regiões mais ricas em cereais».

O flagelo da fome atormenta e atormentará cada vez mais o nosso povo porque escasseiam os géneros, porque aumentam os preços, porque cresce o desemprego, porque não sobem na proporção dos preços os salários e ordenados, porque se arruinam os pequenos e médios produtores e comerciantes.

escasseiam os géneros

As dificuldades de abastecimento do mercado em géneros de primeira necessidade têm vindo a aumentar e serão cada vez maiores nos próximos meses.

Devido à falta de protecção do governo à nossa agricultura, não só não se tem desenvolvido a produção agrícola nas últimas dezenas de anos em conformidade com o aumento da população, como, relativamente a vários géneros, se tem mesmo produzido menos. A agravar esta situação, o último ano agrícola foi particularmente mau. Segundo o Instituto Nacional de Estatística baixou de 33% a produção de trigo, de 36% a produção de centeio, de 49% as produções de aveia e cevada, relativamente já deficientes médias atingidas nos últimos dez anos.

Com a produção pecuária tem

sucedido o mesmo. De 1934 para cá tem diminuído sistematicamente o número de cavalos, de caprinos, de ovelhas e carneiros. O número de bovinos mantém-se estacionário desde 1925 apesar do grande aumento da população. Só o número de suínos subiu ligeiramente, mas também não acompanhou o aumento da população. Com tais existências de gado, e uma produção correlativa de carne, não admira que esta falta cada vez mais. A situação da pecuária é já de tal ordem que grande parte da carne que hoje se consome em Lisboa não é fresca, mas sim congelada, produto de exportação de países estrangeiros, que, como a Roménia, souberam desenvolver a sua produção de gado.

Com o bacalhau sucede sensivelmente o mesmo que com os produtos agrícolas e o gado. A safra deste ano, embora ligeiramente superior à do ano passado, é contudo inferior à média anual dos últimos dez anos.

A falta de géneros não é, pois, consequência apenas de um ano agrícola mau, mas, sim, no fundamental, consequência da política do governo que não toma as medidas adequadas ao fomento da produção de géneros alimentícios de primeira necessidade.

A escassez gera a subida dos preços

Devido à falta de géneros e à especulação que sempre tal falta provoca, sobem cada vez mais os preços. A juntar à subida dos preços dos legumes, das hortícolas, do peixe, das frutas, das carnes de vaca e de porco, do azeite, do bacalhau, do açúcar, do sabão, do tabaco, do vestuário e das rendas de casa, que

se têm verificado desde Junho de 1959, e a que já nos referimos no último «Avante», acaba agora de subir o preço do peixe fresco como consequência da monopolização da venda do peixe (que, aliás, afirmou para a fome centenas de peixeiras) decretada este mês pelo governo. O peixe é agora mais abundante e mais caro. E já se pede («O Século» de 13 de Setembro) a subida dos preços do trigo (o que fará aumentar o preço do pão), do milho, da carne e da batata. Tudo indica que o preço do bacalhau vai também aumentar novamente.

Cresce o desemprego

A somar à escassez de géneros e à subida dos preços dos artigos essenciais, cresce o desemprego. A falta de trabalho nos campos começa já a sentir-se de modo premente como o mostram notícias do Alentejo que chegam à nossa redacção. Fábricas já que já começaram a despedir operários, e a medida que for sendo realizada a política de concentração industrial do Ministério da Economia, muitos mais despedimentos se verificarão.

Organizemo-nos a Luta contra a Fome

O povo deve ser alertado por todos os meios contra a situação de extrema miséria que se avizinha, e organizado desde já contra a fome que reina nos lares dos trabalhadores. A primeira e mais eficaz frente de luta contra a fome, é a luta por melhores salários e ordenados. Não só a luta por melhores salários é a única solução que pode contrabalançar em parte a subida do custo da vida, mas é ainda uma eficaz arma para impedir o aumento desse custo da vida. Ao contrário do que dizem os propagandistas do «ciclo infernal» (segundo os quais o aumento dos salários provoca o aumento dos preços), é na medida em que por todo o lado se intensifica a luta por melhores salários, é na medida que se forma um verdadeiro movimento de luta por melhores salários, que o governo, que teme acima de tudo a classe operária e as suas lutas, será forçado a impedir o agravamento dos preços.

Os assalariados agrícolas devem desde já reclamar pão ou trabalho para todos e organizar marchas da fome. Aproveitando as ricas experiências do inverno passado, os assalariados e os semi-proletários devem concentrar-se junto das Casas do Povo, das Sedes das Juntas de Freguesia, dos Postos da GNR, das Câmaras Municipais, etc., exigindo pão ou trabalho.

As donas de casa devem discutir por toda a parte a carestia da vida e começar a formar Comissões de mercado, de rua ou de bairro para exigirem do governo medidas que garantam o abastecimento e ponham um travão ao aumento dos preços.

Só na medida em que todos lutemos por melhores salários, contra o desemprego, contra a escassez dos géneros e contra a subida dos preços, a miséria será menos negra neste inverno que se avizinha.

EM 1961 HÁ ELEIÇÕES ORGANIZEMOS O RECENSEAMENTO

O próximo recenseamento é da maior importância por ser na base dele que se realizarão as eleições para deputados de 1961. Os democratas não devem ficar à espera de qualquer movimento espontâneo para que os cidadãos se inscrevam no recenseamento eleitoral. Procuremos desde já formar Comissões de Recenseamento no maior número possível de locais de trabalho, de habitação, freguesias e sedes de conselho. Estas comissões devem abarcar todos os companheiros de trabalho e visitar todas as casas da sua freguesia para saberem quem está em condições de ser recenseado, para darem todos os esclarecimentos necessários e facilitarem por todos os meios a inscrição do maior número de cidadãos. Com o mesmo fim, podem as Comissões de Recenseamento publicar pequenos manifestos e circulares e abrir e pôr a funcionar postos de recenseamento, onde se prestem todas as informações e onde as pessoas possam buscar ajuda para se recensearem. Cada Comissão do 5 de Outubro pode transformar-se numa Comissão de Recenseamento.

Elas são uma base de organização que pode e deve ser aproveitada para a campanha eleitoral.

O recenseamento eleitoral realiza-se de 2 de Janeiro a 15 de Março.

TODOS AO RECENSEAMENTO

3 ANOS DE PRISÃO SEM JULGAMENTO

Na prisão de Caxias, numa sala em que não tem capacidade para mais de 5 pessoas, mas onde se encontram normalmente fechadas durante 23 horas e meia por dia umas 10 a 12 pessoas, está a jovem Ivone Dias Lourenço há 3 anos aguardando julgamento. Numa outra sala da mesma prisão está Rolando Verdial que foi preso juntamente com a jovem Ivone. Rolando Verdial conta, ao todo, 6 anos e meio de prisão sem julgamento, pois já esteve também preso, sem ter sido julgado, de Dezembro de 1953 até Maio de 1957, data em que fugiu da cadeia do Aljube. Assim, Rolando e Ivone cumpriram já uma longa condenação mesmo antes de serem julgados.

Segundo a própria legislação fascista, sempre que os acusados se encontrem presos, o seu julgamento deve efectuar-se no prazo máximo de um ano.

Os responsáveis directos por mais esta ilegalidade, que é um modo de clinicamente acrescentar as futuras condenações a Rolando e Ivone, são a PIDE e o verduro juiz Caldeira, presidente do Tribunal Plenário que os há-de «julgar». Rolando e Ivone não prestaram a mínima declaração à PIDE. A PIDE odeia-os, e na jovem Ivone pretende ainda vingar-se do ódio que tem a seu pai, António Dias Lourenço, dirigente do P.C.P.

Protestemos contra mais esta ilegalidade criminosa da PIDE e do seu juiz Caldeira.

NOS CÁRCERES E TRIBUNAIS DE SALAZAR

O tempo passa e Maria Ângela Vidal continua aguardando numa cela de Caxias que chegue o dia da sua libertação. Impossível dizer quando as portas da fortaleza se abrirão para ela, pois a pena de 3 anos e meio a que foi condenada já terminou há muito sem que a PIDE se disponha a libertá-la. É opinião unânime dos médicos que a sua vida corre perigo se não for internada num hospital ou libertada; porém, as diligências dos médicos, dos advogados, da família, dos amigos, responde a PIDE com evasivas e promessas. Quando entrou na fortaleza de Caxias, Maria Ângela era uma jovem cheia de vida; hoje é uma mulher martirizada por 7 anos e meio de sofrimento. Ela espera que o nosso povo a traga para a liberdade.

— A Dr.^a Maria Luíza Costa Dias que há dois anos aguarda julgamento, adoeceu gravemente na cadeia; foram precisos vários meses de diligências e protestos para que a PIDE lhe permitisse o internamento num hospital, só à última hora, para uma operação a um tumor. Ainda a operação não estava terminada (sob a vigilância de uma mulher da PIDE) e já os agentes da PIDE procuravam levar esta de-

mocrata de novo para a fortaleza de Caxias, o que acabaram por fazer passado pouco tempo apesar dos protestos dos médicos e enfermeiras. Sentindo que é preciso completar a desumanidade com a baixaria, a PIDE diz agora que a família terá que pagar a conta do hospital.

— No tribunal da PIDE, na Boa Hora, o juiz Silva Caldeira continua a aplicar penas terroristas aos anti-fascistas, privados de toda a possibilidade de defesa: os destacados militantes do Partido Comunista Maria Alda Nogueira e Carlos Aboim Inglês foram recentemente condenados a 8 anos de prisão cada um, seguidos de prisão por tempo indefinido em regime de «medidas de segurança». Só em 5 julgamentos realizados no mês de Outubro, o juiz Caldeira ditou sentenças num total de 38 anos de prisão além dum número indeterminado de anos de cadeia sob as «medidas de segurança», o que o qualifica como o melhor laço de que a PIDE dispõe até hoje no Tribunal Plenário. Torna-se um dever para todos os portugueses protestar contra a acção policial do juiz Caldeira, que desonra a magistratura portuguesa.

TONA CORPO NOVA CAMPANHA PELA AMNISTIA

O nosso povo não se conforma com o regime de medo e de perseguições políticas a que foi condenado há 34 anos. Mais uma vez as acções populares começam a dar forma a uma potente campanha pela Amnistia, que é urgente aprofundar e alargar. O volume dos protestos já foi suficiente para romper a barreira de silêncio organizada pela Censura: a voz do povo saiu para os jornais, para as assembleias, para os debates nas ruas. É essa a sua maior força e é nesse sentido que importa insistir.

Entre as muitas notícias positivas que chegam ao nosso conhecimento, merece destaque a acção dum grupo de mulheres da Cova da Piedade que num dia recolheu de porta em porta mais de 400 assinaturas pela Amnistia; o acoitamento foi bom por toda a parte e houve locais em que se formaram ajuntamentos de pessoas esperando a sua vez para assinar e comentando a situação dos presos. Após a recolha, um grupo de 75 mulheres da Margem Sul do Tejo e de Lisboa dirigiu-se à redacção de vários jornais da tarde onde apresentou o texto com as assinaturas recolhidas e expôs de viva voz a sua reclamação.

Nas reuniões e assembleias de democratas realizadas no dia 5 de Outubro foram constantes e calorosas as referências à situação dos presos e perseguidos políticos, concretizadas em acções práticas. Assim, sabemos que textos e moções reclamando a Amnistia foram assinados por 400 pessoas em Alpiarça, por 250 na Marinha Grande e por outras centenas mais em Lisboa, Torres Vedras, Coimbra, Aveiro, etc; no Conco, uma assembleia de milhares de pessoas aprovou uma moção pela Amnistia; também no âmbito de confraternização republicana realizado no Ginjal foi assinada por todos os presentes uma representação ao governo no mesmo sentido.

Reclamando a libertação do prestigiado democrata Dr. Victor de Sá foram até agora enviadas ao governo 1.200 assinaturas.

As mensagens, cartas, telegramas e moções dirigidas às redacções dos jornais e às autoridades acorrem de muitos pontos do País, formando uma massa imponente de vozes que reclamam: Amnistia para os presos políticos, para os emigrados, para os perseguidos!

O governo de Salazar encara uma única linha política: a continuação das prisões, das condenações, das perseguições de toda a espécie. Farcamos com a reclamação popular se alargue, obrigando-o a encerrar uma outra via: a libertação dos presos e perseguidos políticos. Que todos contribuam para a Campanha Nacional pela Amnistia: cartas, abaixo-assinados, moções, telegramas, debates, inscrições e cartazes, todas as formas de solidariedade e agitação serão uma ajuda preciosa em defesa das vidas dos presos políticos!

«O nosso povo não está só

Não é só no nosso país que se intensificam as acções pela Amnistia. O nosso povo, recebe actualmente uma ajuda inestimável dos povos de todo o mundo, e a campanha pela Amnistia em Portugal está-se tornando rapidamente uma campanha internacional que não

deixará de exercer uma pressão cada vez maior sobre o governo de Salazar.

Entre as inúmeras acções que se nos tornam impossíveis noticiar, algumas têm especial relevo.

Em Buenos Aires realizam-se actualmente os últimos preparativos para a segunda Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia em Espanha e Portugal que terá lugar de 11 a 13 de Novembro, fazendo ouvir de novo com a maior repercussão a voz dos povos da América Latina, que o governo de Salazar não poderá continuar a desconhecer. Novas iniciativas de solidariedade sairão desta Conferência, em

seguimento do memorando que a anterior Conferência enviou à ONU sobre a situação dos presos políticos em Portugal.

Em Paris, os emigrados portugueses reunidos no dia 5 de Outubro aprovaram uma moção subscrita por duzentas assinaturas que foi enviada ao governo português, reclamando que seja posto termo às perseguições. Também em Paris está em actividade desde Abril o «Comité para a Defesa das Liberdades em Portugal» dirigido pelos Profs. Manuel Valadares e E. Guerreiro; este Comité não só está desmascarando as violências do fascismo português como coor-

dina a acção de todos os emigrados portugueses em França.

Numa festa do jornal «Humanité» foi aprovada uma representação ao governo português apoiada por 1.700 assinaturas; há alguns meses o Partido Comunista Francês organizara também um comício de solidariedade aos presos políticos de Espanha e Portugal em que discursaram os cants. Jacques Duclos, e Raymond Gnyot tendo sido aprovadas resoluções exigindo uma ampla Amnistia na Península Ibérica.

A solidariedade dos povos de todo o mundo presta um auxílio cada vez maior à luta nacional pela Amnistia.

TRIBUNA DO LEITOR

A SITUAÇÃO NAS MINAS DO LOUSAL

Existe um grande descontentamento entre os mineiros do Lousal. Recentemente os dirigentes desta mina, que pertencem a uma companhia estrangeira, retiraram grande número de 2300 e depois resolveram baixar 28500 para o trabalho e já ora baixando-lhes o salário para 21500.

À fim do dia o administrador fez um aumento de 2300 e depois resolveu fazer uma reunião no salão dizendo para todos os operários que não faliassem. Nesse reunião foram nomeados uma dúzia de operários como se fossem os comités do trabalho dando-lhes uma carta fechada com dinheiro e muitas palmas. Deite modo o patrão explicou uma dúzia para desfezer em todos os dias, em geral todos os operários reclamavam dizendo que o reunião tinha sido um nojo, que nem que faliassem não faliassem os seus apunhalam-lhe, pois os comités não tinham os operários aliando uns contra os outros.

Também no caso da trituração os operários estão sofrendo porque entram às 7 horas da manhã para saírem às 4 horas de tarde mas para compensar os comboios por causa dos atrasos dos comboios, a administração da mina faliasse trabalhar para além dos 4 horas, sem que lhes paguem esse tempo que é além do horário.

A todos os operários do fundo foram distribuídos dois falias de ganho azul mas só um é que o obreiro, o outro tem de pagar com 40300. Também chegou uma remessa de bolas mas não é distribuída a todos; só alguns é que as recebem.

Faço muitas reclamações ao Lousal têm grandes vantagens, porque têm hortas, casa, lenha, luz, água, etc. Ora isto não é assim. Há alguns mentalistas, que ganham muito com a situação e os operários têm casa da companhia, mas há muitos operários vivendo no território da mina dentro de barracas e um grande número que vive por fora e que paga os seus alugueis há dezzenas de meses sem um bocadinho de terra para colherem uma couve.

Em relação dos salários seram-lhes baixos há muitos trabalhadores que possuem uma verdadeira vida de miséria. Há casos de família que raras vezes têm um jantarinho para dos seus filhos. E põe o café de manhã, ao meio dia e ao noite. O trabalho que entre nos nossas casas e que veja a miséria que reina em alguns lares dos mineiros do Lousal.

O pessoal está queimado com a terrível sífilise e com a tuberculose, que a cara dos trabalhadores não indica outra coisa. Quando há salão de dentes são retirados para trabalhar e por isso não curam essa sífilise só com o ar do res, precisam dum hospital e melhor salário para que se possam tratar. Há muitos outros problemas de saúde e não posso enumerar um salário tão baixo.

É preciso que todos nos unamos para lutar contra a miséria e não se podemos pedir. Temos que defender a nossa saúde e a nossa vida e a saúde e a vida dos nossos filhos.

Com os outros com os outros e combinamos a nossa luta por um aumento de salários.

Um mineiro do Lousal

LUTEMOS POR UM AUMENTO MAIOR

Dez empregados nos serviços municipalizados da cidade de Lagos, que ganhavam 2800 por dia nos trabalhos de canalização, electricidade e outros, pediram aumento de salário ao chefe destes serviços.

Este leilou com o Presidente da Câmara que, na reunião imediata, defendeu o aumento e pediu ao chefe dos referidos ser-

viços que fizesse uma proposta nesse sentido.

A proposta apresentada foi de um aumento de 3500 por dia. O Presidente da Câmara concordou mais o varador achou de mais (1) e propôs um aumento só de 3500. Aceitou por ser aquela esta proposta (2) e, portanto, o pessoal a ganhar 2850.

Empregados dos serviços municipalizados de Lagos! Não vos contenteis com este pequeno aumento, pois o vosso salário continua muito baixo e com este continuareis numa situação de miséria.

Um trabalhador de Lagos

TÊM MEDO DOS NOMES...

O povo laborioso desta terra camponesa, por verificar que os darem o seu trigo para moer em qualquer das três moagens existentes eram desceradamente roubados, trataram de se unir e constituir uma moagem cooperativa, que conta actualmente 546 sócios, à qual deram o nome de Moagem Social do Povo da Malpica do Tejo.

Nas como a existência desta empresa afechasse os lucros dos moageiros locais e o próprio nome não agradasse aos governantes salazaristas, estes trataram de enviar a sua polícia, a PIDE, que forçou a que fosse retirado o nome «Social», para que a moagem do povo pudesse levantar irado do Estado.

Neste caso, ligando a tantos outros, mostra o que é a «democracia» salazarista.

Um amigo da Malpica

SITUAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

Tenho lido no jornal e apreciado a campanha feita em prol dos salários mínimos da classe proletária. Como mulher de um funcionário do público não me posso calar e venho pedir para juntar ao seu protesto o meu: como há-de viver em condições um funcionário a quem Salazar paga 1.000 réis e o chefe da municipalidade? Ele que, segundo ouço dizer, ganha 21 contos! É evidente que não se pode viver com este ordenado e os sacrificios feitos por não ter o benefício de um aumento conhecido os eu lenhos e tentos como nós. Quando há tempos os jornais apregoaram que os funcionários iam ser aumentados em 50%, os salários dos funcionários do 1.º e 2.º escalões foram aumentados em 172500. E sem livemos esse aumento e poderíamos engordar demais, de umas percentagens das serviços feitos, do que ganhamos com o benefício de um aumento, eu sei, dos categorizados como ele, Salazar, para poder pagar o aumento, mandou retirar esses 50%. Quer dizer: ficou a ganhar menos.

Uma Amiga

O «NACIONALISMO» DELES

«Prazeres de Monforte, 29 — No dia 10 de Agosto seram vendidas em hasta pública, à porta do tribunal judicial de Coimbra, as propriedades de alguns comarcas e rurais do concelho do Grémio de Trabalho do concelho de Monforte, Pedro Rebelo Malhado, que continua preso na cadeia comarca, segundo julgamento...» (A «Sic» de 20 de 80).

Este caso em desgraça e os seus pares «nacionalistas» sentenciaram que não comeria mais do bolo... pelo menos por agora.

Na primeira quinzena de Agosto o salazarista presidente da Junta de Freguesia de S. Miguel (Lisboa) foi demitido por desobediência. O substituto de Junta para... o seu lobo.

Agora sim, vai chegar a moralidade à administração salazarista — quem é desviado dos princípios adquiridos com o produto dos «desvios».

Um leitor do «Avante»

A VERDADE VAI SE CONHECENDO

O «caso português» vai-se tornando cada vez mais discutido no estrangeiro, mas completamente despojado das mentes da imprensa salazarista, que por ser convites constantes dirigidos pelo SNR à intelectualidade francesa, inglesa, alemã e americana para visitarem o nosso país, portanto, o pessoal a ganhar 2850, a fim de repelirem a linha oficial, aqueles que observam directamente e com espírito crítico a vida portuguesa são unânimes em reconhecerem a situação de decadência a que Portugal chegou sob a ditadura fascista. Ça para aparecer com frequência artigos na imprensa diária, como os que se têm publicado nos últimos dias, quando a Angola, apelando a estagnação económica e a repressão colonialista ali exercida pelo Governo.

É a verdade com o esborçar da sua propaganda, os fascistas recorrem a todos os meios para silenciar o libelo de observadores imparciais. Teófilo Pereira, quando era subsecretário com lenha, chegou ao ponto de mandar comprar toda a edição do PORTUGUESE PANORAMA de Blackstone, no que gastou 6.000 libras (450 contos), só por este processo conseguindo retirar o livro do mercado. Em seguida o SNR subornou um plúmulo de leiteria ordem para redigir uma nova versão com o mesmo título, inteiramente laudatória e no estilo habitual dos seus boletins de «informação».

No entanto nem com obras predestinadas a fascistas se pode silenciar a opinião mundial. Bem significativo é o que se está a passar na Inglaterra. Até há pouco eram geralmente velhos comarás reformados, os antigos de serviços da «Foreign Office», que, por desfaite, escreviam um volume sobre Portugal. Daí e ali via-se escassez de obras de marte. Ora de repente, há pouco, apareceu um livro de viagens AO SUL DE LISBOA (South of Lisbon), que se distingue pela análise incisiva do estilo da vida e do carácter da sociedade portuguesa, e da ditadura feroz. É o quadro que apresenta é alterador, uma visão de a sociedade, como o próprio autor a classifica.

Os fascistas não podem calar a opinião provincial, com uma vida cultural pobre e apertada nas malhas de uma censura inquisitorial. O Sul, fora dos limites perigosos de uma zona de fronteira com a população trabalhadora triste e calada pela miséria, sem habitação adequada, sem saúde, com a desprovida dos precários serviços de saúde, com a ausência de um mapa, comprovado pelas estatísticas da ONU, em que a cada português é atribuído um rendimento médio anual de menos de 5.000\$000 (50 contos) e com a população cada vez mais reduzida por um crescente alheio da vida — o que não dá o lugar de um dos países mais atrasados da Europa. O Autor não almeja o fascismo, mas a realidade da situação das camadas da sociedade portuguesa surpreendeu-o a nossa burocracia, cujo único fim é desencorajar o requerente da sua opinião. Frase típica invocação de alguns países por parte do Governo, no intuito de desesperar no povo uma adesão à política de repressão colonialista. Por outro lado, emenda, há alguns dias, o jornal de Leiria levantou o problema da situação da oposição Democrática, que presença só descreveria através de cautelosos comentários. Huggard e outros salazaristas ainda se mantêm no poder, porque muitos liberais duvidam mais da eficácia dos seus métodos do que da sinceridade dos seus objectivos. Considera tal atitude

Não obstante as suas deficiências, este livro é uma das condenações mais inteligentes da vida em Portugal sob a ditadura fascista. Os seus comentários e análises vergam-nos nos eus olhos de todo o mundo e impõem a necessidade de derribarmos quanto antes um regime que escraviza a nação e uma população inteira.

Um português de Liverpool

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Exigi que o governo esclareça rápida e completamente estas questões. Exigi que os americanos evacuem as bases do Arce Res. Que nem um soldado alemão ou americano ocupe o solo querido da nossa Pátria!

O nosso povo, que acompanha com ardente entusiasmo as conquistas da revolução cubana, deve manifestar nestes dias sombrios a sua inteira solidariedade ao povo de Cuba. Façamos protestos contra os preparativos de invasão de Cuba pelos imperialistas americanos! Declamemos contra as idas e vindas no nosso território de conspiradores anti-cubanos e que seja entregue ao povo cubano o criminoso de guerra Fulgêncio Batista! Mostremos aos imperialistas norte-americanos que CUBA NÃO ESTÁ SOZINHA!